

# DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA IMPLEMENTAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA (PARTE I)

Os Professores Doutores Suzani Cassiani e Irlan von Linsingen, da Universidade Federal de Santa Catarina, coordenam o Programa de Qualificação Docente e Ensino de Língua Portuguesa no Timor-Leste (PQLP/CAPES) - programa financiado com verba do Brasil - e atuam nessa função desde 2009.

Na seguinte entrevista, os referidos professores fazem um apanhado geral dos processos de implementação da Língua Portuguesa em Timor-Leste, baseado em estudos de pós-doutoramento, que desenvolvem no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Portugal.

**Como a ocupação Indonésia afetou o português em Timor Leste? A população, até a altura da invasão, falava efetivamente português e tétum na mesma medida? Quais as percentagens?**

Há controvérsias sobre quantos timorenses falavam português em 1975. Em relatório da ONU de 2000, há informação de que apenas 5% eram falantes de português, porém outros estudiosos, como Luiz Filipe Thomaz (1998), afirmam que, se levarmos em conta os alfabetizados e os analfabetos que apenas falavam português, obteremos uma porcentagem de 15 a 20% da população total. Já Luis Costa afirma que havia em torno de 14%, numa população de 760 mil habitantes.

Apenas uma elite timorense, que trabalhava na capital, em Díli, falava o português e também alguns portugueses que lá viviam. Havia poucas escolas e as estradas eram precárias. Somente em 1915, Portugal abriu a primeira escola oficial em Díli, depois de quatrocentos anos de colonização. Porém, essa “ausência” de Portugal contribuiu para que as línguas maternas e as culturas de Timor fossem preservadas. Atualmente, o Tétum-Praça possui 40% de palavras provenientes do Português. Isso pode contribuir para a presença e continuidade da Língua portuguesa.

**A escolarização em Timor-Leste até esta altura (1975) era feita em português?**

Apenas uma elite timorense tinha acesso ao português, principalmente quem vivia na capital Díli e nos municípios mais importantes, e apenas uma pequena proporção da população frequentava as escolas, a maioria destas pertencentes à Igreja Católica. O resultado disso é que 90% dos timorenses não eram alfabetizados, segundo um censo de 1970. Há também que considerar a dominante tradição oral das diversas etnias existentes na ilha de Timor. Estas ações da Indonésia em relação ao Timor, podem estar relacionadas ao fundamento filosófico da Pancasila, os cinco princípios básicos que orientariam todas as ações, o que justificaria o esforço de transformação cultural dos habitantes de Timor e a unificação pela língua indonésia (crença num único deus, sentido de humanidade justa e civilizada, unidade da Indonésia, democracia guiada pela sabedoria interior e emanada das deliberações

entre os representantes do povo, justiça social para todo o povo Indonésio). Nesse sentido, pode-se dizer que a Indonésia buscou promover uma aculturação das etnias originárias papua e austronésica. Por isso a língua portuguesa foi tão importante, pois foi uma língua de resistência. A partir disso, a importância da escolha do português, como língua oficial também foi uma resposta contra o apoio que a Austrália deu à invasão indonésia, por conta da Guerra Fria, nos anos 1970.

**Depois do governo de transição da ONU e a independência do país (2002), quanto da população falava efetivamente o português?**

Os dados do relatório do PNUD de 2002, num Inquérito às Famílias de 2001, indicam que os timorenses falavam mais de 30 línguas ou dialetos. Também indicam que 42% dos entrevistados sabiam falar a língua indonésia, mas somente 5% falavam Português e 2% falavam Inglês. Estes dados contrastam com os apontados por Luis Costa, de 15 a 20%, já descritos anteriormente (no item 1). Porém, o Tétum-Praça que, em 1975, era pouco falado, apenas 7% da população, teve um crescimento de 82%! A partir desses números podemos notar que o crescimento da língua indonésia se deu pela força bruta e pela proibição da Língua Portuguesa (LP). Ao mesmo tempo, essa proibição trouxe vantagem para a língua tétum. Segundo relatos, eram os soldados indonésios os professores das crianças, os quais iam armados nas escolas, mesmo enquanto estavam a ensinar. De acordo com Relatório do Desenvolvimento Humano de Timor-Leste (PNUD), o governo indonésio mobilizou para Timor-Leste um grande número de professores vindos de outras partes da Indonésia. O sucesso desta medida não foi tão rápido quanto esperado; foram necessários vários anos – quinze, segundo alguns observadores – para que a utilização da língua indonésia nas escolas se generalizasse.

O português também foi um símbolo poderoso de que o Timor era diferente da Indonésia, que foi colonizada por holandeses. Mais do que isso, serviu para fortalecer os laços com os países lusófonos, o que hoje chamamos de CPLP, conduzindo a LP à entrada no continente asiático.

Segundo o relatório do PNUD, em 1998/99, apenas 3% dos 1.963 professores do 3º ciclo do ensino básico eram timorenses. Com a expulsão da Indonésia e a necessidade de iniciar o ano letivo em 2000, a UNTAET e o CNRT realizaram um teste, em língua indonésia, para avaliar as competências dos professores. 5.000 professores foram aprovados para ministrar aulas no ensino primário. Testes em língua portuguesa também foram realizados para

avaliar os professores. Cerca de 3.000 professores foram sujeitos a um teste realizado pela Missão Portuguesa, em Díli. Desses, apenas 158 (5%) foram aprovados. Por exemplo, o distrito de Manufahi não possuía qualquer professor capaz de ensinar Português.

Como está a ser desenvolvido, a vosso ver, o ensino do português no país atualmente?

Segundo dados do último censo de 2010, cerca de 17 a 25% falam português. 90% da população utiliza o Tétum diariamente, além de outras línguas. 35% da população fala bahasa indonésia (principalmente nas cidades). Segundo Luis Costa, de 2003 a 2014 a evolução é pequena. Concordamos com o que ele diz, que vários programas não estão adequados. É preciso conhecer quem são os timorenses e não tentar mudá-los. Uma das estratégias principais para a incorporação do português é a educação. Contudo, segundo dados do Plano Nacional de Educação de 2014, mais de 75% dos professores não estão qualificados de acordo com os níveis exigidos por lei. Também o currículo é inadequado para lidar com as necessidades de desenvolvimento da nação. Há dificuldades dos mais variados níveis. Ainda há resistências de parcelas da população, que consideram que o inglês ou o indonésio devam ser línguas oficiais, seja pela proximidade, seja pela facilidade, seja por questões políticas e econômicas, enfim, uma parte crescente fala inglês, um requisito para obter os empregos mais bem remunerados, rumo aos negócios que vêm crescendo a cada ano no país. Por questões de custo e proximidade, muitas famílias de classe média tem mandado seus filhos estudarem na Indonésia. Há também os desafios de um novo país na questão da gestão dos recursos, administração, entre outras, que muitas vezes é precária.

Em recente entrevista, o primeiro ministro Rui Araújo pede ajuda aos países parceiros da CPLP para colocar mais professores que falem português nas escolas. Em nossa opinião, a incorporação do português é uma questão de tempo, e o convívio com as outras línguas é extremamente importante. Os timorenses são plurilíngues e muitos falam até mais do que quatro línguas, mesmo que neste momento pareça um pouco caótico. O ambiente plurilíngue é complexo, mas essa convivência é possível.

Quando se vê, por exemplo, países como a Espanha que possuem o galego e o catalão como línguas oficiais, ou a Suíça que possui quatro línguas oficiais (francês, italiano, alemão e romanche) é possível pensar nessa convivência entre as línguas. Gilvan Muller aponta que o Brasil, durante a maior parte de sua história, foi um território plurilíngue, onde em 1.500 haviam cerca de 1078 línguas faladas. Atualmente, ficamos apenas com 15%, num processo de glotocídio (assassinato de línguas), apoiado por uma seqüência de políticas linguísticas homogeneizadoras e repressoras. Segundo Darcy Ribeiro, somente na primeira metade do século XX, 67 línguas indígenas desapareceram no Brasil.

(A entrevista continua na próxima edição.)

**Somente em 1915, Portugal abriu a primeira escola oficial em Díli, depois de quatrocentos anos de colonização. Porém, essa “ausência” de Portugal contribuiu para que as línguas maternas e as culturas de Timor fossem preservadas.**

**A incorporação do português é uma questão de tempo, e o convívio com as outras línguas é extremamente importante.**

